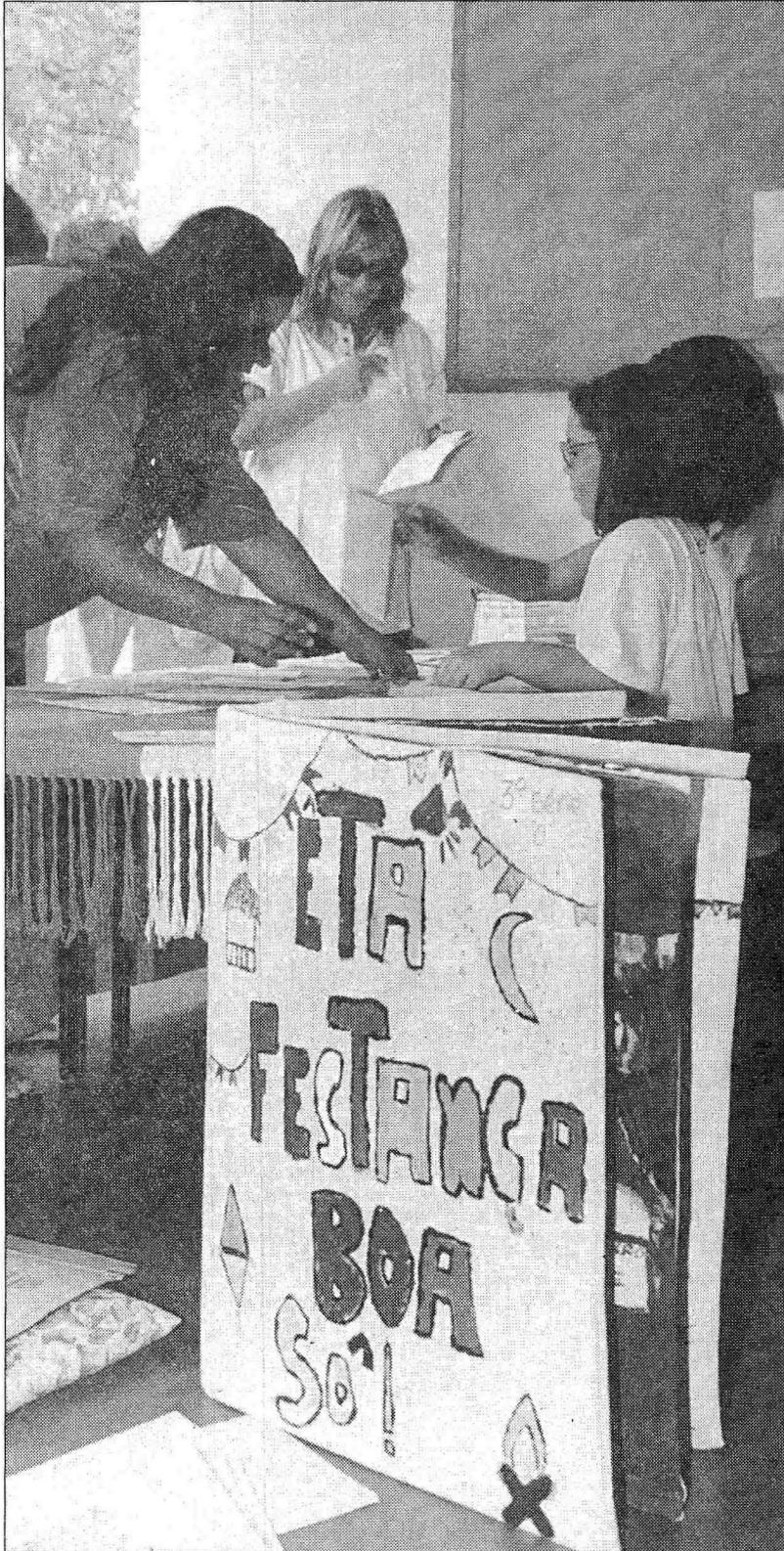


# Uma lição de cidadania e eficiência

Escola da 206 Sul mostra criatividade dos seus 500 alunos e monta feira com livros escritos por eles

Fotos: Alan Marques



Os livros despertam a criatividade e servem de incentivo à leitura

PAULO PANIAGO

Ensino público é problemático, ponto. Pois agora, pode colocar uma vírgula na frase e começar a repensar o conceito arraigado, porque a Escola Classe 206 Sul dá o exemplo de como a escola pública pode ser criativa e produtiva. Ontem, a Escola fez sua II Feira do Livro da Escola Classe 206 Sul.

Os alunos, cerca de 500, produziram cada um seu livro, que foi editado pela Via Láctea, uma editora criada pela escola para viabilizar essas tiragens. Ontem, na Feira, venderam a preços simbólicos os livros de sua autoria (cada aluno fez no máximo cinco exemplares de cada, reproduzindo os livros em processo xerográfico) para principalmente pais e amigos, enquanto convidados faziam shows para animar o público, incluindo-se aí mímicas do deputado Miquéias Paz.

“Nosso objetivo é incentivar a leitura e valorizar os trabalhos de cada aluno”, diz a orgulhosa diretora, Cleide Martins Silva, uma pedagoga que faz questão de mencionar que foi eleita para o cargo de diretora democraticamente. O tom político do seu discurso não é gratuito. A Escola Classe 206 Sul incentiva certas revisões históricas que depois se traduzem no texto dos livros dos alunos, que também fazem questão de emitir notas fiscais a cada venda.

A *Independência do Brasil*, por exemplo, um texto da 2ª série assinado por Máira, Wesley e Ricardo, menciona a saída dos portugueses de terras brasileiras nesses termos: “Os portugueses saíram do nosso país, e não devolveram o que roubaram”.

O próximo passo é levar os livros editados pela Via Láctea para um estande na Feira do Livro de Brasília e fazer repercutir o trabalho



O mímico e deputado distrital Miquéias Paz entreteu alunos, pais e professores durante a II Feira do Livro

que se desenvolve na Escola Classe 206 Sul. Esse trabalho inclui um abandono da cartilha tradicional de alfabetização pelo método construtivista que utiliza outros princípios; a acolhida a uma equipe da Secretaria de Educação para a confecção, junto com os alunos, de um atlas; uma intensificação do uso da biblioteca da escola, mediante aulas especiais; e iniciativas cheias de criatividade, como a que substituiu a campanha de chamada de alunos por música.

“O mais importante disso

tudo”, diz a professora Carla Almeida, referindo-se à Feira do Livro, “é dar apoio ao trabalho dos alunos e depois ver a emoção dos pais quando se deparam com o livro pronto”. A renda arrecadada com a venda dos livros é mínima e serve apenas para pagar a confecção artesanal das cópias, ainda um tanto mambembes. Importa, sobretudo, que a escola está cumprindo sua função de educar e criar leitores pensantes, dando lições de cidadania e eficiência.

próximo passo é levar os livros para um estande da Feira do Livro de Brasília para mostrar o trabalho dos alunos da Escola da 206 Sul